

**Luiza Cortesão. 2000. *Ser Professor: Um Ofício em Vias de Extinção? Reflexões sobre Práticas Educativas Face à Diversidade, no Limiar do Século XXI*. Porto: Edições Afrontamento. 84 pp. ISBN: 972-36-0528-7.**

O livro de Luiza Cortesão deveria ser lido e estudado por todos que exercem funções docentes, qualquer que seja o grau de ensino, e por todos aqueles que, de um modo ou de outro, se encontram relacionados com o sistema educativo. A autora traça o percurso histórico recente do papel do professor e dos alunos, conduzindo a discussão para a questão que François Lyotard enunciou, em 1989, como a *morte do professor*. Esta morte, segundo Lyotard, estará a ocorrer em consequência de um confronto entre os docentes e os meios que, actualmente, se podem propor aos alunos para dominarem a informação prevista nos currícula. Estes meios são, cada vez mais, atraentes, eficientes e interactivos, tornando obsoletas formas tradicionais de procedimento e de trabalho educativo do professor.

A autora aborda as razões do reconhecido mal-estar, que não cessa de aumentar nos diferentes níveis de ensino da escola portuguesa. Cortesão relaciona o problema, intrinsecamente, com o advento da escola de massas, fluindo à escola uma população que possui e exterioriza, de forma cada vez mais evidente, características distantes do grupo sociocultural para o qual as instituições escolares do sistema educativo português tinham sido concebidas e que constituía, ainda há poucos anos, quase a totalidade dos alunos. Assim, a escola, habitada por um público pouco numeroso e relativamente homogéneo, maioritariamente constituído por alunos brancos de classe média urbana, integra hoje rapazes e raparigas originários de grupos de diversas situações de desqualificação social, desemprego e até marginalidade. A estes juntam-se, em cada vez maior número, alunos oriundos de outros países e outros grupos étnicos, numa sociedade mais heterogénea com a chegada e fixação de populações que afluem a Portugal vindas das origens mais diversas.

A proposta dominante, no advento da escola de massas, recorda a autora, era oferecer situações de igualdade de oportunidades a todas as crianças dos diferentes grupos socioculturais, conseguida através de uma oferta educativa idêntica a toda a população escolar. No entanto, a pouco e pouco, foi-se evidenciando que, se o sistema oferece igualdade de

oportunidade de acesso a um público de alunos crescentemente heterogéneo - acompanhada de uma semelhança de tratamento dentro da escola e de idênticas propostas de ensino/aprendizagem - por outro lado, porém, cresce a desigualdade, ao nível da distribuição de sucessos/insucessos. Esta desigualdade manifesta, precisamente, uma forte relação com a classe social e a origem étnica.

As situações de indisciplina, mesmo de violência - até recentemente pouco frequentes e consideradas intoleráveis por parte dos professores - são hoje constitutivas do quotidiano de muitas escolas. As situações perturbadoras eram facilmente geridas pelo recurso a penalizações, reprovações e, se necessário, a exclusão. Estas situações de exclusão ou de saída precoce da escola eram, por outro lado, instrumentais para a oferta de mão-de-obra barata. Mas, actualmente, os excluídos da escola não irão tanto constituir mão-de-obra barata, no mercado de trabalho, como sobretudo passar a fazer parte dos excluídos socialmente, tanto da escola como do mundo do trabalho. Por outro lado, um número crescente de alunos não gosta de estar na escola, até porque, fora dela, têm acesso a divertimentos e a fontes de informação mais aliciantes do que as que podem ser oferecidas pelos professores. Os professores também sentem esse desconforto, interrogando-se sobre o seu papel na escola.

O problema, segundo Luiza Cortesão, é que a instituição escolar e educativa não se obriga ela própria a mudar para ser capaz de atrair os alunos de outra forma e de lhes ser útil. Esta interpretação baseia-se na evidência das transformações da visão tradicional da escola, nomeadamente, o uso da educação para a conservação de noções eruditas de ciência e cultura e como instrumento de transmissão ritual de valores nacionais. Assim, na escola tradicional portuguesa, considerava-se que o bom professor era competente, porque domina os conteúdos curriculares e porque explica com clareza esses conteúdos, numa ordenação e num ritmo adequado ao nível etário médio dos alunos, recorrendo à linguagem ou ao jargão próprio da disciplina que ensina. Nesta lógica tradicional, os alunos são vistos como receptores da mensagem de conhecimento, que deve ser clara, pertinente, profunda, correcta e actualizada. Para esse fim, o professor era suposto recorrer, preferencialmente, a metodologias expositivas para comunicar conteúdos científicos que os alunos teriam de adquirir para

alcançar as metas estabelecidas. Nesta perspectiva, tiravam proveito do ensino os alunos 'naturalmente' mais dotados ou aqueles mais empenhados. Uma das funções do professor seria garantir que a selecção, que forçosamente teria de acontecer, se processasse de uma forma justa.

Este cenário é que desapareceu na escola de massas, alterando as condições de identidade, função e papel do professor. É aqui o ponto principal da argumentação de Luiza Cortesão. Se, tradicionalmente, pensava-se ser apenas necessário que o docente explicasse com clareza os conteúdos curriculares, actualmente é necessário estimular nos professores o desenvolvimento de um interesse pelo conhecimento do contexto social e cultural em que trabalham e a atenção produtiva pelas situações de diversidade presentes no seu quotidiano. Numa comparação entre o Reino Unido e Portugal, a autora afirma que, no caso português, faz todo o sentido falar do *professor daltónico*, isto é, o professor que - de forma semelhante ao que acontece com os daltónicos que não podem discernir as cores do arco-íris - não identifica a heterogeneidade sociocultural com que trabalha.

Finalmente, a autora relaciona todos estes problemas e ambições de renovação da escola portuguesa com a questão relativa à anunciada *morte do professor*. A tendência é que o professor pode, sem grande dificuldade, ser substituído, até com certa vantagem, pelos estimulantes e ricos recursos educativos de que se pode dispor. Perante a variedade de meios técnicos hoje disponíveis, torna-se cada vez mais fácil (e parece até ser mais eficaz) poder utilizar esses meios para adquirir conhecimentos e treinar competências do que recorrer aos morosos (e falíveis) processos de aprendizagem na sala de aula tradicional com a ajuda de um professor. Por isso, o sentido da 'morte do professor' representa não a pura prescindibilidade de quem ensina, mas a necessidade de uma reconstrução do papel e da identidade do professor, de acordo com os modelos actuais de sociedade, conhecimento e transformação cultural.

**Susana Ramos**

*Instituto Superior Miguel Torga*

***Uma Nova Teoria Geral do Comportamento Socioeconómico.*** Título original: *Butterfly Economics: A New General Theory of Social and Economic Behaviour.* Londres: Faber and Faber, 1998. Tradução de Vanessa Guedes. Mem Martins: Europa América. 249 pp. ISBN: 972-1-04829-1.

A crise que se instalou no núcleo central da ciência económica atingiu níveis sem precedentes. Na verdade, nas últimas décadas, o descontentamento que se vinha sentindo, em relação ao estado da arte tem-se agudizado. A metáfora mecanicista em que a disciplina apostou e o excessivo formalismo matemático assente em pressupostos irrealistas são, cada vez mais, postos em causa, mesmo pelos seus protagonistas mais ilustres, como é o caso de Arrow, Sena, Leontieff, Hann, Akerloff e Friedman, entre muitos outros. As teorias de equilíbrio geral, as explicações dos ciclos económicos, as teorias do crescimento e os modelos econométricos são alguns dos exemplos mais evidentes da desadequação da disciplina para explicar fenómenos marcados pela complexidade, turbulência, imprevisibilidade e o não-equilíbrio. O *homo economicus* - esse actor incaracterístico que, através de um comportamento perfeitamente racional e maximizador, asseguraria, inevitavelmente, o equilíbrio -, serviu de alicerce ao edifício teórico da economia convencional. A heterogeneidade dos agentes e as interacções que entre eles ocorrem foram, por consequência, completamente ignoradas. Admitir que o sistema económico não pode ser explicado sem essas interacções pode parecer uma asserção banal, mas é, no entanto, o suficiente para fazer desabar as teoria ortodoxas.

É precisamente a questão dos agentes interactivos que constitui o objecto central do livro *A Economia Borboleta*. Paul Ormerod é director do Post Orthodox Economics de Londres, um centro de estudos especializados, e autor do livro *Death of Economics* (1994), uma crítica à economia convencional. No novo livro, o autor continua a explorar a ideia que a economia ortodoxa nos fornece uma imagem ilusória da realidade. De facto, o mundo é encarado, nas perspectivas económicas ortodoxas, como uma máquina com um comportamento previsível e explicável. Ormerod sustenta, assim, que é necessário substituir a visão mecanicista por uma linha de pensamento baseada na biologia, tal como afirma (p.12): 'O título deste livro (...) realça esta visão